

A LEITURA DE TIRINHAS E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS EM LÍNGUA ESTRANGEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Lílian Reis dos Santos (SEEDUC-RJ/UFF)

lilian_espagnol@yahoo.com.br

RESUMO

O trabalho apresenta o relato e a análise da experiência de trabalho com os gêneros histórias em quadrinhos e tirinhas nas aulas de espanhol como língua estrangeira da rede estadual do Rio de Janeiro. Esses gêneros são geralmente conhecidos dos estudantes do ensino fundamental, pois muitos dos títulos das comumente chamadas histórias em quadrinhos foram adaptados para a televisão e para o cinema com enorme sucesso e sua exibição constante também nas emissoras de televisão popularizam para os espectadores mais jovens personagens criados há décadas. Mediante a leitura de textos dos gêneros a serem estudados, observamos, avaliamos e desenvolvemos a compreensão leitora dos alunos tanto em língua materna quanto em língua estrangeira, levando em consideração as diretrizes fornecidas pelas orientações curriculares da rede para o 6º ano do ensino fundamental e valendo-nos das concepções de gênero, leitura e produção textual de Bakhtin (2011), Solé (1998), Soares (2009), Kleiman (2010) e Lerner (2001), além dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos. Leitura. Língua estrangeira.

1. Considerações iniciais

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, publicados em 1998, trazem em seu volume dedicado ao ensino da língua estrangeira no ensino fundamental uma definição sobre o papel que a aprendizagem de um idioma possui na formação cidadã dos educandos:

A língua estrangeira no ensino fundamental tem um valioso papel construtivo como parte integrante da educação formal. Envolve um complexo processo de reflexão sobre a realidade social, política e econômica, com valor intrínseco importante no processo de capacitação que leva à libertação. Em outras palavras, língua estrangeira no ensino fundamental é parte da construção da cidadania. (BRASIL, PCN 1998, p. 41).

O processo de reflexão deve-se ao fato de que estudar uma língua estrangeira é também estudar sua cultura, a visão do mundo de povos que falam a língua estudada. Outro ponto importante é o trabalho de desconstruir estereótipos e preconceitos com relação a determinados povos e países.

Os PCN também destacavam as particularidades do ensino de língua, que deve unir “o que se aprende a seu uso devem vir juntos no pro-

cesso de ensinar e aprender” (BRASIL, PCN 1998, p. 27). Apresenta uma proposta de ensino de língua que leve em consideração a natureza sociointeracional da linguagem, na qual todo significado é dialógico, e quem a usa leva em consideração com quem se está dialogando.

A publicação dos referenciais curriculares da rede estadual do Rio de Janeiro em 2012 (para língua estrangeira) trouxe como novidade (em contraponto aos referenciais publicados em 2010) a presença dos gêneros discursivos como tema central de cada bimestre letivo, a saber:

A justificativa para que os eixos temáticos do Currículo Mínimo de LE sejam os gêneros discursivos surge da constatação de que em nosso dia a dia vivenciamos diferentes situações de *interação*: desde uma conversa com um colega até a leitura de um livro. Tais situações vão gerar variedades de textos ou enunciados, concretizados em diferentes *gêneros discursivos*, sejam eles de materialidade oral ou escrita. (RIO DE JANEIRO, 2012, p. 3)

Os gêneros histórias em quadrinhos e tirinhas são os que constam no documento publicado pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro, intitulado currículo mínimo, como eixo temático para o primeiro bimestre letivo para as turmas de 6º ano do ensino fundamental – 2º segmento. Este trabalho resulta da experiência de trabalho com quatro turmas do citado ano de escolaridade em uma escola da rede estadual, CIEP 337 – Berta Lutz, situada na cidade de Belford Roxo, na região metropolitana do estado.

2. A leitura na escola

A leitura ocupa um lugar central na vida escolar, já que em todas as disciplinas há tarefas com textos escritos e a necessidade de que sejam produzidos textos também escritos. Na escola, temos a leitura também com a finalidade de ler para aprender, para obter informações e para realizar tarefas. Segundo Solé (1998, p. 22), a ler é “um processo de interação entre o leitor e o texto”. Assim, a leitura deve ser um objetivo para guiá-la:

Esta afirmação tem várias consequências. Em primeiro lugar, envolve a presença de um leitor ativo que processa e examina o texto. Também implica que sempre deve existir um objetivo para guiar a leitura; em outras palavras, sempre lemos para algo, para alcançar alguma finalidade. O leque de objetivos e finalidades que faz com que o leitor se situe perante um texto é amplo e variado: devanear, preencher um momento de lazer e desfrutar; procurar uma informação concreta; seguir uma pauta ou instruções para realizar uma determinada atividade (cozinhar, conhecer as regras de um jogo); informar-se sobre um determinado fato (ler o jornal, ler um livro de consulta sobre a Revolução

Francesa); confirmar ou refutar um conhecimento prévio; aplicar a informação obtida com a leitura de um texto na realização de um trabalho etc.

Entendemos que para o sucesso da atividade de leitura é necessário também que em todas as disciplinas sejam trabalhadas as habilidades de compreensão leitora que serão indispensáveis para um bom desempenho dos estudantes naquela matéria, incluindo as disciplinas de línguas estrangeiras, que devem atender às especificidades que estão relacionadas à aprendizagem de um idioma sem deixar de levar em consideração as habilidades de leitura necessárias ao desenvolvimento dos alunos não somente dentro da escola mas também com relação a sua formação para a cidadania.

3. *(Re)conhecendo o gênero*

Começamos o trabalho com os gêneros a serem estudados após fazer perguntas às turmas sobre se eles conheciam e gostavam de histórias em quadrinhos e de tirinhas. Iniciamos uma conversa sobre suas revistas e personagens preferidos e sobre suas adaptações para o cinema e para desenhos. Por meio dessa conversa, foi possível descobrir que muitos deles não tinham o hábito de ler as revistas em quadrinhos. Dentre os que haviam tido contato com as revistas, muitos informaram que essa leitura havia acontecido na escola.

Sobre as histórias mencionadas, os alunos destacaram a *Turma da Mônica*, tendo inclusive mencionado o nome de seu autor, Mauricio de Sousa. Em segundo lugar apareceram os personagens da Marvel Comics, especialmente os do grupo *Vingadores*, que foi recentemente adaptado para o cinema, tendo sido um dos maiores sucessos de bilheteria no Brasil (1,63 milhão de espectadores¹⁴ em sua estreia) cuja versão em desenho é exibida no canal pago Disney XD.

Passado o primeiro momento de levantamento de dados, iniciamos a leitura das revistas propriamente ditas, com uma grande variedade de títulos, que contavam inclusive com os títulos anteriormente mencionados pelas turmas, como *Turma de Mônica* e personagens do Universo Marvel. Depois do tempo de leitura das revistas, lemos a definição teórica das histórias em quadrinhos e observamos seus elementos, como os

¹⁴ Dados do ano de 2012 (31/07/2012) obtidos na página especializada Adoro Cinema. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-100968>>. Acesso em: 03-04-2014.

balões e outros recursos utilizados para os autores para a expressividade de seus personagens, em um processo chamado por Vergueiro (2010, p. 31) de “alfabetização” na linguagem dos quadrinhos: “A alfabetização na linguagem específica dos quadrinhos é indispensável para que o aluno decodifique as múltiplas mensagens neles presentes e, também, para que o professor obtenha melhores resultados em sua utilização”.

A alfabetização na linguagem dos quadrinhos também contempla a história do gênero surgido em 1895 com *The Yellow Kid*, de Richard Felton Outcault no jornal *New York World* (NICOLAU, 2007, p. 11) e também que se destaque a participação de todos os profissionais envolvidos na confecção e publicação das histórias. Um fato que merece ser debatido com a turma é o de que as histórias em quadrinhos foram, durante muito tempo, consideradas nocivas para crianças e jovens, o que levou editores brasileiros a redigirem um código de ética para as publicações no país. As revistas que seguissem o referido código recebiam um selo em suas capas, que significava que as recomendações do grupo de editores haviam sido seguidas (VERGUEIRO, 2010, p. 15).

Familiarizados com os quadrinhos, partimos para as tirinhas. A tirinha, embora siga semelhante formato ao dos quadrinhos, é geralmente publicada nos jornais, além de ter um formato muito mais curto (geralmente três quadros). Exatamente ao fato de ser publicada em jornais é que se atribui a invenção do formato da tirinha: deve-se à escassez de espaço nos jornais (além do sucesso dos personagens). As tirinhas têm como característica a concisão de seus textos e sua verve irônica. É considerada por alguns autores como um gênero jornalístico, já que além de ter o jornal como principal espaço de publicação, as tirinhas fazem por muitas vezes alusão a fatos em evidência no momento.

Ressaltamos que em todo o momento realizamos leitura de diversos textos dos gêneros estudados. Essas leituras foram realizadas durante as aulas com publicações em língua portuguesa na primeira etapa. Após avaliarmos que os alunos já estavam familiarizados com os gêneros, iniciamos as leituras em língua espanhola.

4. Contato com a língua estrangeira através das tirinhas

O acesso a uma cultura estrangeira na escola é uma grande oportunidade de desenvolvimento para o estudante de maneira a ampliar seu conhecimento do mundo e de seu acesso a informações e bens culturais

pelo conhecimento do idioma, como informam os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, a saber:

A língua estrangeira no ensino fundamental tem um valioso papel construtivo como parte integrante da educação formal. Envolve um complexo processo de reflexão sobre a realidade social, política e econômica, com valor intrínseco importante no processo de capacitação que leva à libertação. Em outras palavras, língua estrangeira no ensino fundamental é parte da construção da cidadania. (BRASIL, PCN 1998, p. 41).

Aprender a conhecer a língua estrangeira é torná-la parte de seu conhecimento, capacidade de compreensão e de expressão:

Nessa percepção, ler e escrever em língua estrangeira devem ser entendidos como processos de aprendizagem, de desconstrução e de reconstrução pelo próprio aluno, em que o objeto a ser aprendido é uma nova cultura, uma nova visão de mundo, uma nova forma discursiva e não meramente um código formal linguístico a ser memorizado, totalmente distanciado da sua subjetividade. (PAIVA, 2011, p. 130).

Com seu conhecimento prévio e sua aprendizagem na escola, o aluno será capaz de identificar a qual gênero pertence aquele texto, preparando-se para compreendê-lo em seu contexto de produção e veiculação, sendo capaz de ler seus elementos linguísticos e extralinguísticos. No caso das questões culturais presentes nos textos em língua estrangeira, os estudantes serão capazes de confrontá-las e compará-las com sua própria língua e cultura, formulando suas hipóteses e questionamentos.

Após as etapas de conhecimento e familiarização com os gêneros, começamos a leitura de textos em língua estrangeira (em nosso caso língua espanhola). Os primeiros textos foram da versão em espanhol da *Turma da Mônica*, chamada de *Mónica y su Pandilla*, publicada pela editora Panini Comics Brasil (que também publica uma versão em inglês chamada *Monica's Gang*). Optamos por começar com personagens já conhecidos dos alunos para que a leitura das imagens e compreensão do texto baseadas nas características dos mesmos (como por exemplo a gula de Magali) fosse um elemento que facilitasse e os encorajasse a ler textos em língua estrangeira. Após a leitura e da análise e interpretação do texto – palavras, imagens, fontes, onomatopeias e demais recursos, começamos a leitura de textos oriundos de um país de língua espanhola, no caso, da Argentina.

Começamos a apresentar os novos personagens a partir da apresentação geral do país. Temas como a proximidade de nosso país (os alunos possuem um mapa onde constam todos os países hispânicos), tradição no futebol (geralmente um tema sobre o qual os alunos estão familia-

rizados) e outras características gerais da Argentina (com a desconstrução de estereótipos incluída) surgiram antes da leitura de nossas primeiras tiras, com os personagens *Gaturro*, de autoria de Nik, seguidos de *Mafalda*, de Quino (que alguns alunos já conheciam), *Matías*, de Sendra e dos personagens de *Macanudo*, de Liniers. A leitura incluía também atividades nas quais o elemento cômico deveria ser analisado e explicado pelos alunos.

Terminada essa etapa as turmas chegaram ao ponto de realizarem as últimas tarefas propostas pelos referenciais curriculares: a produção de uma tirinha e a dramatização de um dos textos lidos. A produção da tirinha envolve ainda outras habilidades, como a confecção de desenhos e escolha de personagens. Dividimos esse momento com a primeira criação em língua portuguesa e uma segunda tirinha em língua espanhola, com diálogos já conhecidos pela turma, que se encontra em um estágio inicial de aprendizagem da língua espanhola.

Após a confecção das tirinhas, encerramos as atividades do bimestre com a dramatização das tirinhas lidas. Cada grupo ou dupla de alunos escolheu sua tirinha preferida e fizemos então os ensaios e a caracterização (simples) dos personagens escolhidos. A apresentação aconteceu na própria sala de aula, na qual todos os alunos foram os atores e também a plateia.

5. Considerações finais

Como resultado do trabalho do bimestre, podemos apontar que as turmas apresentaram bons resultados no que concerne à identificação e interpretação de textos dos gêneros estudados. O trabalho proporcionou a leitura de diversos títulos, de diferentes autores e nacionalidades distintas, oportunizando uma variedade de fontes muito expressiva. A experiência fez com que alunos com poucas possibilidades de leitura de materiais completos e (não somente trechos em livros didáticos, que são ainda a maior fonte de leitura dos grupo) pudessem ter um momento de leitura e de troca de ideias sobre obras e seus personagens, apontando e sugerindo os títulos de que mais gostaram, socializando seus gostos e preferências baseados na leitura das revistas em quadrinhos.

Com os textos e informações sobre autores e personagens estrangeiros, começamos a introduzir os estudos sobre cultura de países de língua espanhola, que faz parte do aprendizado do idioma estrangeiro como

um todo. Na atividade de dramatização, pudemos trabalhar não somente a leitura, mas a interpretação do texto e a expressão oral e corporal de nossos alunos, cujo resultado foi muito gratificante para todos. A segurança sobre o domínio do tema estudado refletiu-se nas avaliações e notas das turmas, que apresentaram desempenho muito satisfatório nas avaliações que encerraram o bimestre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad.: Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BARBOSA, Alexandre et al. (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Língua estrangeira. Brasília, 1998.

EVANGELISTA, Mayara Cinthya Costa; DANTAS, Rosemeire da Silva Dantas. *As histórias em quadrinhos na sala de aula: uma proposta de sequência didática para as séries iniciais*. Disponível em: <<http://www.ccsa.ufrn.br/6sel/anais/public/papers/gt6-19.pdf>>. Acesso em: 10-02-2014.

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 13. ed. Campinas: Pontes, 2010.

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Trad.: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LINIERS. *Macanudo*, 1. 13. ed. Buenos Aires: De la Flor, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

NICOLAU, Marcos. *Falas & balões*. A transformação dos textos nas histórias em quadrinhos. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2008.

_____. *Tirinha*. A síntese criativa de um gênero jornalístico. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2007.

NIK. *Gaturro*, 1. 10. ed. Buenos Aires: De la Flor, 2008.

_____. *Gaturro*, 20. 2. ed. Buenos Aires: De la Flor, 2013.

PAIVA, Maria da Graça Gomes. Os desafios do ensinar a ler e a escrever em língua estrangeira. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt et al. (Orgs.). *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. 9. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

POSSENTI, Sírío. *Os humores da língua*. Análises linguísticas de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

QUINO. *Mafalda*, 7. Buenos Aires: De la Flor, 2007.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro. *Currículo mínimo 2012*. Língua estrangeira. Rio de Janeiro, 2012.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org.: Roxane Rojo e Glaís Sales. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SENDRA, Fernando. *Yo Matías n. 4*. 1. ed. 4. reimpr. Buenos Aires: Buenos Días, 2006.

SOARES, Doris de Almeida. *Produção e revisão textual*. Um guia para professores de português e de línguas estrangeiras. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Trad.: Claudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUSA, Mauricio de. *Mónica y su pandilla*, n. 48. Nov. 2013. Barueri: Panini Comics.

_____. *Mónica y su pandilla*, n. 51. Feb. 2014. Barueri: Panini Comics.

_____. *Mónica y su pandilla*, n. 52. Mar. 2014. Barueri: Panini Comics.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: BARBOSA, Alexandre et al. (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.